



## DEMANDAS FORMATIVAS E AS ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS DESENVOLVIDAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Aldecy Rodrigues de Lima <sup>1</sup>

### RESUMO

Formar professores e reinventar a docência foi a tônica vivida nos últimos tempos e que impulsionou novas demandas na atuação docente em todos os níveis de ensino. De repente, o mundo do trabalho na profissão professor(a) se viu diante de mudanças rápidas como “aula remota emergencial”, devido a pandemia da covid-19, que assolou a humanidade de forma mais contundente no ano de 2020. Em tempos sombrios, do adoecimento físico e psicológico, do medo, da angústia, do distanciamento social, do sofrimento e da morte precoce, muitas mudanças ocorreram no campo do trabalho. Sendo necessária a reinvenção da docência. Nesse diálogo constante do que fazer e como fazer, está o registro de muitas experiências como as relatadas neste texto que tem por objetivo apresentar as estratégias metodológicas desenvolvidas com alunos do curso de Pedagogia da Ufac em 2022. As aprendizagens se materializam nos diálogos e novas formas de pensar a educação e o trabalho do professor a partir da utilização de recursos tecnológicos, uso de plataformas digitais e letramento digital. Freire (1979; 1997; 2005) é também apoio teórico na tessitura textual, trazendo para as análises do trabalho do(a) professor(a), o diálogo e as reflexões que pressupõem ações práticas, coletivas, dialéticas e dialógicas no movimento da práxis educativa que se aventuram na curiosidade, investiga, conhece, sabe, modifica, avança sem perder a rigorosidade acadêmica/científica.

**Palavras-chave:** Trabalho docente. Ensino. Recursos tecnológicos. Diálogo. Paulo Freire.

### INTRODUÇÃO

As demandas formativas são constantes na vida de professores e professoras, seja para aqueles(a) que já estão consolidados na carreira, seja para os que estão em processo de formação inicial. A escrita deste relato de experiência tem por objetivo apresentar as estratégias metodológicas desenvolvidas com alunos do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Acre no ano de 2022 nas disciplinas de Estágio Supervisionado I, Estágio Supervisionado II, e Oficina: Literatura Infantil e Educação.

As experiências são em turmas diferentes. Os Estágios aconteceram com estudantes do Parfor/Pedagogia/Ufac. O primeiro, Estágio Supervisionado I, é relativo à Educação Infantil, ocorreu na cidade de Cruzeiro do Sul-AC, no mês de janeiro de 2022.

---

<sup>1</sup> Professora na Universidade Federal do Acre – UFAC. Líder do GEPEd. E-mail: aldecyczs@gmail.com

O Estágio Supervisionado II (Educação de Jovens e Adultos) foi desenvolvido no mesmo programa, no município de difícil acesso – Marechal Thaumaturgo, interior do Acre, em julho de 2022. Ambos têm carga horária de 135h. A Oficina: Literatura Infantil e Educação, ocorreu com estudantes do curso de Pedagogia/Ufac – Campus Floresta durante o primeiro semestre letivo de 2022.

Paulo Freire, o grande educador brasileiro nascido no nordeste e que tem notoriedade mundo à fora, nos inspira nessa tônica educativa. Principalmente porque nos faz pensar sobre o ser professor(a) e sobre o ser aluno(a) diante das adversidades e das diferenças sociais nas quais vive o ser humano. Vivenciar a relação dialógica nos espaços educativos impulsiona o trabalho didático diferenciado, a pensar diferente da didática cristalizada de ensinar e aprender na escola oriunda de modelos tradicionais de ensino em que apenas o professor sabe e os alunos são receptores passivos de conteúdos enciclopédicos.

A partir das reflexões teóricas que temos feito ao longo da caminhada na profissão professora, fundamentada no diálogo como método de ensino de Paulo Freire, propomos inovações para o desenvolvimento desses créditos práticos e de estágio que os alunos deveriam cursar para integralizar a carga horária do curso. Por se tratar de tempos sombrios e do distanciamento social, necessários, segundo a OMS, para a contenção da disseminação do coronavírus (Covid-19), a pergunta central era: como fazer?

Em tempos de pandemia, as escolas, os professores, os alunos, os pais, se viram diante de um desafio enorme para não frear o processo educativo sistematizado. Neste espaço, então, será contextualizado ao leitor o relato das experiências vivenciadas na regência desses componentes curricular do curso de Pedagogia que incorpora novas demandas educativas para o trabalho docente diante das mudanças que temos visto nestes tempos pandêmicos.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Esta relação articula fundamentos teóricos amparados em estudos que trazem para a cena do fazer docente questões relacionadas ao letramento digital e ao uso de recursos tecnológicos aplicados ao ensino. Outro aporte que nos move nesta escrita é o conceito de diálogo a partir de Paulo Freire. Esses estudos sinalizam propostas pedagógicas inovadoras, seja com os alunos do curso de Pedagogia regular, seja nos programas de formação de professores como o Parfor, por exemplo.



Para Camillo (2022, p. 8),

a escola como principal agência de letramento tem papel importante neste processo de avanço da cultura digital e uso das tecnologias digitais nos processos de ensino-aprendizagem, sendo ela um dos pilares para que a educação seja um instrumento de inclusão e formação dos educandos no século XXI.

Essas discussões são pertinentes e atuais, não só porque chegaram na escola de forma emergencial nesse período de pandemia, mas porque as escolas podem, com as tecnologias “[...] transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais [...]” (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013, p. 31). E seguem os autores:

Com as tecnologias atuais, a escola pode transformar-se em um conjunto de espaços ricos de aprendizagens significativas, presenciais e digitais, que motivem os alunos a aprender ativamente a pesquisar o tempo todo, a serem proativos, a saber tomar iniciativas e interagir. (MORAN; MASETTO; BEHRENS, 2013. p. 31).

Camillo (2022), que desenvolveu uma pesquisa de mestrado sobre “Letramento digital no ensino médio: alunos nativos digitais da geração Z”, dá conta que

Na escola, as tecnologias estão presentes até mesmo em razão do caráter universal que representam, tendo em vista a necessidade constante de comunicação das pessoas, seja por telefones móveis ou redes sociais. Há a necessidade de funcionamento dos sistemas em redes conectados à internet, uma marca da sociedade mergulhada na cultura digital. Está vigente uma sociedade em rede que desperta a necessidade de compartilhamento, divulgação e acesso aos conhecimentos disponibilizados por meio do ciberespaço. (CAMILLO, 2022, p. 27-28)

Embora existam vários estudos apontando a necessidade do uso das tecnologias na escola enquanto recurso didático auxiliar para as atividades docentes, pouco tem se visto esta utilização nas escolas interioranas onde o sinal de internet não é tão bom. O que se observa no estudo de Lopes (2012, p. 09 *apud* CAMILLO, 2022, p. 28) é que “[...] muito pouco se avançou em termos de políticas públicas de formação e qualificação de professores que garantam ações pedagógicas que integrem as tecnologias digitais ao cotidiano da escola”. Nota-se, por exemplo a partir da pesquisa de Lima (2019), que, apesar da escola possuir um laboratório de informática, na prática este é de pouco uso. A autora chama atenção para a necessidade de mudanças nos modelos educativos e a inserção de novas políticas, como se observa:

[...] a percepção da necessária mudança no modelo educacional que presenciamos, de políticas públicas educacionais urgentes, valorização do profissional docente, com incorporação de programas de formação

inicial e continuada voltada, além de outras urgências, para a inserção das TICs nas atividades pedagógicas que possibilite ao professor o desenvolvimento de habilidades necessárias para inserir o aluno no meio digital, para que tenha contato com as diversas e multiplicidades de linguagens, leitura e escrita, além de estruturação adequada do ambiente escolar que propicie um espaço agradável e com os instrumentos necessários para que a aprendizagem aconteça de fato. (LIMA, 2019, p. 137)

A escola da atualidade não é mais analógica, portanto, as ferramentas e as plataformas digitais devem ser entendidas e usadas com forma de acesso ao conhecimento que estão presentes no dia a dia das pessoas. Assim, a escola não pode se eximir de tal uso. Atualmente,

As TICs na sala de aula se configuram como uma necessidade e como uma realidade, pois modificam os modos de aprender e pensar dos educandos, capazes de realizar várias coisas ao mesmo tempo, como ouvir música, ler um texto na internet e enviar uma mensagem através do *WhatsApp* (LIMA *et al.*, 2016, p. 38).

Nesse sentido, os estudos de Camillo (2022), Lima (2019) e Lima *et al* (2016), vem mostrando a necessidade de utilização dos recursos tecnológicos. Seguindo essa tônica, observa-se que

A escrita no meio físico já não é mais o principal recurso utilizado para comunicar ou registrar o conhecimento adquirido. A Globalização, a velocidade em que as informações circulam nos ambientes digitais, a cultura de uso das tecnologias digitais, as redes sociais, as interações no ciberespaço trazem para a escola o debate sobre necessidades de a atuação do professor ser coerente com a cultura digital” (CAMILLO, 2022, p. 36).

Neste sentido, nos enveredamos para fazer atividades diferenciadas com os estudantes, registradas neste relato. Para além dessa compreensão, da necessidade de trazer para a sala de aula outras informações que permeiam o dia a dia das pessoas fora da escola, como as leituras sobre letramento digital e recursos tecnológicos, tecemos um diálogo com o patrono da educação brasileira, Paulo Freire, que, ao apresentar o conceito de diálogo e outras reflexões, pressupõe ações práticas coletivas, dialéticas e dialógicas, no movimento da práxis educativa que se aventura na curiosidade, investiga, conhece, sabe, modifica, avança sem perder a rigorosidade acadêmica/científica. Nesse sentido, nos alerta Freire (1987, p. 44) ao dizer que

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo

pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciadores, a exigir deles novo pronunciador. Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Pensar as questões do cotidiano é problematizar com os coletivos a realidade. Esta, às vezes, de tão natural chega a ser imperceptível. E é a partir da curiosidade epistemológica que outras vozes se misturam às vozes docentes nesse mundo permeado pelas adversidades de sujeitos inconclusos. Freire (2005, p. 45-46) ainda aponta em seus estudos que é preciso

[...] pensar seriamente a questão da linguagem, da síntese popular de que falo e escrevo [...] não é possível pensar a linguagem sem pensar o mundo social concreto em que nos constituímos. Não é possível pensar a linguagem sem o poder da ideologia.

Com isso sinaliza-se que há uma dinamicidade na cultura que não pode ser ignorada pelo fazer docente em sala de aula, mas, sobretudo, considerar e explorar a curiosidade dos homens e mulheres no processo educativo. Processo que exige planejamento, reflexão-ação-reflexão. Assim, mergulhados na natureza e na cultura, exercem um “papel ativo na sua realidade e com a sua realidade” (FREIRE, 1979, p. 70), sendo, portanto sujeito da ação e não mero objetos de fácil manipulação.

Os mecanismos didáticos que movem a mediação no ato de ensinar capacitam educadores e educandos para compreender que a escola é mais que um espaço burocrático de ensinar letras e palavras. A escola inclui a diversidade de classes, as diferenças de interesses sociais, a necessidade da formação contínua, as vozes dos(a) trabalhadores(a). Com isso, deve-se:

substituir a captação mágica por uma captação cada vez mais crítica e, assim, ajudando-o a assumir formas de ação também críticas, identificadas com o clima de transição. Respondendo às exigências de democratização fundamental, inserindo-se no processo histórico, ele renunciará ao papel de simples objeto e exigirá ser o que é por vocação: sujeito. COMO FAZÊ-LO? As respostas parecem estar: a) Num método ativo, diálogo, crítico e criticista. b) Na modificação do conteúdo programático da educação. c) No uso de técnicas, como a de redução e a da decodificação (FREIRE, 1979, p. 68)

Nesse sentido, coadunamos as ideias de Freire quando pensa a escola além de um espaço físico, mas de diálogos permanentes onde os(a) filhos(a) dos(a) trabalhadores(a) encontrem o acolhimento afetivo e didático para compreender a história e se entender fazedor de história. A escola precisa ser ousada para realizar o debate de ideia e reflexões do e sobre o cotidiano. Nessa toada que intercala as questões do cotidiano e deste extrai

conteúdo a ser trabalhado em sala de aula, com as leituras sobre letramento digital e recursos tecnológicos, tecemos o relato de experiência ora apresentado.

## **METODOLOGIA**

Nesta seção apresentam-se os passos nos quais se desenvolveram as experiências que compõem este relato. Contar as experiências que acontecem nos espaços escolares serve para a reflexão da própria prática, assim como para o compartilhamento entre os coletivos profissionais daquilo que se experienciou.

Registra-se, portanto, um campo de pesquisa que tem ganhado notoriedade, uma vez que o contar de si, o relato das experiências a partir do cotidiano e do chão da escola, podem possibilitar a socialização do que se considera bom do ponto de vista didático, e que traz inovação educativa frente às mudanças no mundo do trabalho. No caso do trabalho na profissão professor(a), mudanças nas estratégias didáticas que fundamentam a reinvenção e rompem modelos cristalizados de ensinar e aprender na escola.

Considera-se o relato uma perspectiva qualitativa de registro e pesquisa do fazer docente amparada por teorias e práticas que dialogam com o cotidiano. Quem são os participantes, os instrumentos e as análises? É a pergunta que o leitor/avaliador indaga para poder validar a experiência como construção acadêmica científica.

O detalhamento e o registro das experiências se darão na continuidade do texto. Contudo, a denominação de cada grupo é importante para clarear ao leitor os procedimentos adotados ao longo do planejamento e execução de cada componente curricular abordado neste relato. O Parfor é um programa de formação de professores, gerido no estado do Acre pela Universidade Federal – UFAC. Em 2013 teve a implantação de suas primeiras turmas que colaram grau em 2018, com os seguintes cursos: Pedagogia, História, Geografia, Biologia Letras/Português. As turmas que entraram em 2019 são as que vivenciaram a formação atravessada pelo período turbulento da pandemia da covid-19.

Há duas turmas de Pedagogia em Cruzeiro do Sul, uma em Porto Walter e duas em Marechal Thaumaturgo. Esses dois últimos municípios acreanos são considerados de difícil acesso, cujo trajeto se dá subindo o rio Juruá, (fluvial), ou embarcando numa aeronave de pequeno porte que leva seis passageiros apenas (aéreo). O relato não se refere a todo esse grupo, apenas as turmas nas quais fui lotada para ministrar as disciplinas,

quais sejam: uma turma em Cruzeiro do Sul e outra em Marechal Thaumaturgo – considerando o Estágio da Educação Infantil numa e o Estágio de EJA na outra, ambas com aproximadamente 22 alunos (44 no total). Vale lembrar que o Parfor é ofertado para professores que já estão inseridos no mercado de trabalho na profissão professor(a) sem nível superior. Assim, os considero alunos/professores. Marcadamente esses(a) professores(a) exercem a docência em comunidades rurais e/ou ribeirinhas. São, portanto, marcados(a) pelas experiências de sala de aula e buscam na universidade conhecimentos que lhes permitem dialogar: teoria e prática, prática e teoria.

Quanto à Oficina: Literatura Infantil e Educação, com carga horária de 30h, créditos práticos, a experiência se desenvolveu com (30 trinta) estudantes do 6º período do curso de Pedagogia/Ufac – Campus Floresta<sup>2</sup>. Por serem mais jovens, em relação aos alunos/professores do Parfor, são acadêmicos que ainda não têm experiência da docência na prática, a não ser aquelas que acumulou ao longo da vida escolar. Tanto as turmas do Parfor quanto os demais, vivenciaram os dilemas e as angústias de estudar em tempos de pandemia da covid-19.

Na sequência, o detalhamento das experiências assim especificadas: Experiência 1) Estágio Supervisionado I – Educação Infantil; Experiência 2) Estágio Supervisionado III – Educação de Jovens e Adultos; Experiência 3) Oficina: Literatura Infantil e Educação.

## RELATANDO AS EXPERIÊNCIAS

Como realizar o Estágio? Essa foi a pergunta básica feita a todos(a) – professores(a) e alunos(a). Em janeiro de 2022 as escolas estavam fechadas e havia um cronograma no programa Parfor para ser desenvolvido em virtude da dinâmica do curso para o cumprimento da estrutura curricular. Decorrente dessa demanda, registramos a **Experiência 1) Estágio Supervisionado I – Educação Infantil**. Tradicionalmente os(a)

---

<sup>2</sup> O Campus Floresta da Universidade Federal do Acre fica no município de Cruzeiro do Sul aproximadamente 600 km da capital Rio Branco com acesso pela BR 364, em péssimas condições de trafegabilidade no período chuvoso e por via aérea (com voos noturnos regulares três vezes na semana). A estrutura organizacional do Campus conta hoje com dois centros: CEL – Centro de Educação e Letras; CMULTI – Centro Multidisciplinar. O CEL agrega os seguintes cursos de graduação: Pedagogia, Letras/Português; Inglês, Espanhol, Formação de professores indígenas e o mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens – PPEHL. No CMULTI tem os cursos: Biologia Licenciatura; Biologia Bacharelado; Enfermagem; Engenharia Agrônômica; Engenharia Florestal, Direito e o mestrado em Ciências Ambientais.



professores(a) que orientam os estágios no curso de Pedagogia fazem seguindo as etapas: orientação, planejamento, regência, produção de relatório, socialização. Esse registro incorpora esses elementos sistemáticos, a diferença está na regência. Ao invés de ser uma regência em espaços convencionais de sala de aula, os estudantes desenvolveram o projeto de extensão “Recursos didáticos para a educação infantil: produção e edição de vídeo aulas”.

Depois dos diálogos sobre a dinâmica de execução do estágio, se deu a observação dos vídeos gravados pelos professores do sistema educacional do município<sup>3</sup>. Na sequência, a revisão dos “Campos de experiência” da educação infantil presentes na BNCC, quais sejam: 1) O eu, o outro e nós; 2) Corpo gesto e movimento; 3) Traços, sons, cores e formas; 4) Escuta, fala, pensamento e imaginação; 5) Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Posteriormente, foi realizada uma oficina sobre gravação e edição de vídeos em parceria com o mestrando do PPEHL<sup>4</sup>, Ulissys Vinícius dos Santos Bandeira.

Por fim, considerando esses campos de experiência e as atividades a eles atinentes, os(a) estudantes gravaram as vídeo-aulas que estão disponibilizadas no YouTube para socialização entre o grupo infantil e professores(a) que quiserem acessar.

Na **Experiência 2) Estágio Supervisionado III – Educação de Jovens e Adultos**, registra-se outra forma de lidar com os desafios do ser professora e exercer a docência, atravessada pelo adoecimento de muitos e morte de outros tantos diante da pandemia que assolou a humanidade desde 2020. De Cruzeiro do Sul para Marechal Thaumaturgo são em média 40 minutos num avião monomotor. Um sobrevoo Juruá acima. Nos dias de coragem se registram as curvas sinuosas do rio ladeado pela floresta amazônica. Para os dias de turbulência e medo, olhos fechados rezando para esses minutos findarem, o que parece ser uma eternidade.

O mês de julho é verão no Acre. Sol quente. Na floresta brotam flores que se avista no alto. Um verde claro e escuro, mesclado de amarelo e rosa. Até parece a primavera. Mas, como as estações mais definidas por essa região, são o verão de sol e o inverno de chuvas, só registro aqui o que os olhos veem, uma beleza natural que alivia e acalma, mas que também amedronta. Conheci Marechal Thaumaturgo no final de década de 1990

---

<sup>3</sup> Material produzido e usado pelos(a) professores(a) enquanto estavam em distanciamento social e as escolas fechadas.

<sup>4</sup> Programa de Pós Graduação em Ensino de Humanidades e Linguagens, da UFAC.



quando um grupo de professores(a) universitários (Adma Martins, Ivo Galvão, Cleidson Rocha e eu), fomos ministrar curso de formação continuada para os professores municipais. Posteriormente, em 2008, fui coletar dados para a pesquisa de doutorado que investiga a representação social do ser professor(a) em comunidades ribeirinhas na região do Vale do Juruá, interior do Acre. Desde 2013 as viagens ficaram mais frequentes pois coordenei o Parfor no período de 2013 a 2018, e leciono nas turmas que adentraram em 2019.

Para a execução da experiência em tela, ao desembarcar na pista<sup>5</sup> de Marechal Thaumaturgo, fomos ao encontro dos(a) estudantes. Estes já estavam na tarefa de encontrar jovens e adultos analfabetos que tivessem a disponibilidade de ser alunos para a realização do estágio. No entanto, foi uma busca sem sucesso. E a pergunta os inquietava: e agora, como vai ser esse estágio, sem aluno, sem escola, sem turma?

Dentre as várias horas de diálogos e busca de estratégias, tivemos a ideia de pôr em práticas os conhecimentos teóricos aprendidos durante o curso, fundamentalmente aqueles relacionados ao diálogo como método de ensino proposto por Paulo Freire. Vi nesta possibilidade um momento ímpar para discutir o que é, de fato, trabalhar a partir da realidade dos educandos.

A turma foi dividida em grupos: 1) praça; 2) praia; 3) comunidade; 4) sala de aula; 5) ciclo de debate. As orientações foram específicas para os grupos considerando as realidades. O tema do **grupo praça** trabalhou sobre a produção do feijão, considerando que é uma região produtora de diversos tipos e classificações do feijão, e por isso realiza anualmente o festival do feijão, gerando economia e produzindo cultura. O **grupo praia**, desenvolveu a temática sobre a piracema do mandim. Neste período a cidade estava em festa pela quantidade de mandins que subiam o rio Juruá e muitos moradores se deleitam nessa atividade de pesca. Canoas se misturam ao longo do rio. Os homens e mulheres com suas redes de pesca se juntam num movimento alegre: uns pescam, outros assam peixe ali mesmo na praia, outros ajudam na árdua tarefa de retirar os peixes das mangas. O **grupo comunidade** organizou a ida de todo o grupo no recreio<sup>6</sup> para assistir suas aulas a partir da temática das profissões existentes naquela comunidade. À sombra das mangueiras, na margem do rio Juruá, na Foz do Arara, zona ribeirinha de Marechal

---

<sup>5</sup> A cidade não tem aeroporto, apenas o que eles chamam de pista de pouso que compreende um trecho asfaltado no meio da floresta. O suficiente para os pousos e decolagens de pequenas aeronaves que fazem a linha aérea nessa região.

<sup>6</sup> Meio de transporte fluvial que leva os estudantes até a escola.

Thaumaturgo, assistimos e aprendemos muitos dos saberes e dos afazeres cotidianos daquela gente. Em círculos e grupos de debates entendemos a beleza de sermos eternos aprendizes.

O **grupo sala de aula** preparou os conteúdos sobre o cultivo da banana. E no espaço burocrático da sala de aula desenvolveram a regência, trazendo para a classe os debates e reflexões sobre os saberes do cultivo, diversidade, economia e alimento produzidos a partir da banana.

Estabelecidos os ciclos de debates e orientações nos grupos, estes criaram os textos referência para chegar ao processo de codificação e decodificações das palavras-chave que desencadeia todo o processo sistemático de apropriação do código gráfico. E assim, cada grupo preparou os planos de aula e sua execução. Entre a rigorosidade do ato educativo e a ousadia de assumir risco, os grupos preparam demonstração, apreciação e degustação diversos alimentos derivados do feijão e da banana.

O **grupo ciclo de debate** fez uma pesquisa sobre os 30 anos de curso de Pedagogia da Ufac na região do Vale do Juruá e organizou um ciclo de debate com professores e professoras egressos que estão atuando na profissão nos espaços administrativos e sala de aula. Houve exposição da lista de todos os egressos, de fotografias, livros publicados, histórias de vida, depoimentos.

Foram três semanas de intenso trabalho, coleta de material, pesquisa, preparação de aula e execução. Porém, foram dias de muita aprendizagem, de entender na prática o que significa trabalhar com a realidade cotidiana. Cada grupo, na diversidade de temática a ser abordada, selecionou uma palavra geradora a partir da qual se desenvolveu a atividade docente, intercalando um diálogo com as vivências daquele grupo, as produções, os modos de produção e cultivo, renda, sustento da família, alimento.

Quanto à **Experiência 3) Oficina: Literatura Infantil e Educação**, esta teve por objetivo: “Desenvolver atividades práticas da literatura infantil mediada pelas tecnologias e plataformas digitais; vivenciar a contação de histórias e lendas amazônicas; planejar, organizar e recitar poesias; expor jogos e brincadeiras infantis usando a caracterização de personagens infantis”. Dado o contexto ainda de pandemia e do uso das tecnologias e mídias digitais bastante usadas na atualidade, a disciplina foi desenvolvida através de oficinas (presencial e *online*) sobre como gravar, editar e publicar em mídias digitais como o Instagram e o Spotify.

A disciplina contou com a colaboração de Ueliton Araújo Trindade, bibliotecário do IFAC, mestrando no PPEHL que estava estagiando nesta disciplina. Depois das oficinas, os estudantes se dividiram em grupos para produzir as atividades lúdicas: uns fizeram a contação de histórias infantis que estão publicadas no Instagram (com imagem); outros, contação de histórias infantis que estão publicadas no formato podcast (áudio) no Spotify. Divididas as equipes, o trabalho seguiu. As mídias produzidas no podcast foram nomeadas *Podkids: em histórias contadas*. Nome do perfil do Instagram: *Varal de histórias*. As histórias são: A tartaruga e a fruta amarela; O profeta Samuel; Bruxa malvada. Para as histórias cantada: o rato; A princesa feia; Casa sonolenta.

A segunda atividade da oficina foi a preparação de ações lúdicas para o dia de contação de histórias com crianças da Ensino Fundamental (escola pública) de Cruzeiro do Sul. Os grupos foram formados pelas seguintes atividades: Lendas amazônicas; Recital de poesias de Cecília Meireles; Jogos e brincadeiras. No primeiro momento os estudantes tiveram que recuperar, selecionar e catalogar documentos (materiais bibliográficos, musicais e/ou físicos), dicas e instrumentos que podiam ser utilizados para a realização da ação.

Esta atividade ficou marcada tanto na vida dos acadêmicos quanto das crianças da escola Padre Damião – que levou seus alunos para vivenciar de forma lúdica o espaço da Universidade Federal do Acre. Estes foram recebidos no *hall* de entrada do Campus. Cada estudante ganhou uma caneca com a logo do projeto e seguimos em excursão para conhecer o espaço da universidade, além da visita guiada na biblioteca. Seguimos com o grupo de alunos(a) e professores(a) para os espaços preparados para recebê-los no bloco do curso de Pedagogia. Cada grupo ornamentou uma sala de aula com sua temática e ali foram desenvolvidas as atividades. O lanche foi servido no espaço do Restaurante Universitário. Foi uma trade de alegria e aprendizagens múltiplas. As crianças conheceram a Ufac, ouviram histórias, brincaram. Uma aprendizagem para além da sala de aula. Finalizamos a tarde com uma foto de todos(a) na escadaria do Teatro Universitário do Môa.

A reinvenção da docência foi uma das expressões mais ouvidas nos tempos de pandemia, pois o fazer docente em formatos tradicionais já não mais atende as demandas do tempo presente. Uma verdadeira leitura de mundo se amplia para esses grupos, na diversidade, na formação permanente, na responsabilidade social que integra

universidade e educação básica, nos processos educativos inclusivos e dialógicos sobre a realidade e a prática docente.

## CONCLUSÕES

A construção do texto segue a trilha discursiva regida pelo relato de três experiências educativas desenvolvida em tempos de pandemia. Ressalta-se que nesse período, mais que em todos os outros, as mídias digitais estão presentes de forma intensa. Porém, há de se destacar que quando falamos em mídias digitais não necessariamente estamos entendendo que estes recursos estejam disponíveis e de fácil acesso a todos os grupos sociais.

No interior da universidade tivemos vários problemas de acesso à internet pois os sinais de Wi-Fi são sempre disponibilizados com senha e sua capacidade/velocidade limitada, limitando assim o seu uso com presteza e agilidade. Quanto à disponibilidade do material nas plataformas digitais, compreende-se que estes podem ser acessados a qualquer momento, e é um conteúdo que tem longevidade e elevado índice de alcance pelos grupos de interesse nesse assunto.

Destaca-se que embora os estudantes tenham tido acesso às oficinas, isso não garante qualidade ao material produzido, comparado àqueles produzidos pelas empresas desses ramos, que dispõem de recursos mais elaborados e sofisticados, além dos estúdios próprios. São materiais de produção amadora, mas que, em nosso entender, se alinha naquilo que estamos entendendo ser o acesso a recursos didáticos com auxílio das mídias digitais. Afinal, é na prática que se aprende.

Se desdobra desta compreensão a necessidade de investimentos no campo das tecnologias e das mídias digitais que se destina às escolas e às universidades, pois partimos do princípio, em comunhão com Carvalho (2005, p. 82), de que “Não se pode fazer educação barata – como não se pode fazer guerra barata”. A professora Marlene Carvalho, grande educadora brasileira, referenda esta frase que é uma citação de Anísio Teixeira (1994, p. 175) quando de sua defesa da escola pública e de qualidade.

O fazer docente e a reinvenção da docência carece de mais atenção e disponibilização de recursos por parte do poder público para o sistema educacional. Essa é nossa defesa, educação pública e de qualidade para todas as classes sociais, fundamentalmente aquelas menos favorecidas. Sem recurso o ensino é um arremedo e a

aprendizagem um fracasso. Embora se registrem experiências exitosas e estratégias diversificadas utilizadas por professores e professoras em tempos de pandemia, temos sempre recorrido a estudantes voluntários para oferecer oficinas na aéreas da tecnologia quando queremos fazer algo diferente em sala de aula. Contudo, registramos que sonhar é preciso. E os sonhos possíveis perpassam a inclusão, a alfabetização, a conscientização, os direitos coletivos, a melhoria da prática, a reflexão-ação-reflexão, os bens populares, o ensinar e aprender, coragem para sonhar, ousadia para incluir.

## REFERÊNCIAS

CAMILLO, M. R. da S. **Letramento digital no ensino médio: alunos nativos digitais da geração z. 2022**, 165 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens) – Centro de Educação e Letras, Universidade Federal do Acre, Cruzeiro do Sul/AC, 2022.

CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 2005.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIMA, L.; ANDRADE, L.; TELES, R.; PEREIRA, S. **Escola analógica, sociedade digital: educação do século XIX, alunos do século XXI**. Ibicaraí, BA: Via Litterarum, 2016.

LIMA, M. N. R. **Discursos e práticas pedagógicas de professores da educação básica do interior da amazônia acreana sobre o uso das TICs e letramento digital no ensino de língua portuguesa**. 2019, 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Identidade) – Centro de Educação Letras e Artes, Universidade Federal do Acre, Rio Branco/AC, 2019.

LOPES, D. de Q. Prefácio. *In*: SOARES, E. M. do S.; PETARNELLA, L. (org.). **Cotidiano escolar e tecnologias: tendências e perspectivas**. São Paulo: Alínea, 2012.

MORAN, J.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 21. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

TEIXEIRA, A. **Educação não é privilegio**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

